

TRABALHO E VIVÊNCIAS URBANAS NO SUL DA BAHIA

Carlos Alberto de Oliveira¹a*

"O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades e as memórias".(THOMSON, 1997: 57)

Esta comunicação motivou-se a partir de uma análise das orientações desenvolvidas no âmbito do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), situada na região cacauieira (eixo Ilhéus-Itabuna), entre os anos de 2001 e 2003. Neste período, parcela significativa dos trabalhos que orientamos vincula-se aos modos de vida de trabalhadores, enfatizando situações de trabalho e moradia. O fio condutor destas pesquisas tangência em especial os procedimentos da História Oral.

Importante ressaltar que nos deparamos com a saturação de temáticas bastante recorrentes, como o mundo do coronel do cacau e a obra de Jorge Amado. Oferecer aos alunos do Curso de História uma nova leitura e possibilidade de produção sobre o conhecimento histórico, tornou-se nosso propósito. Neste particular, a comunicação busca fazer um balanço destas orientações.

A temática da(s) cidade(s), nas últimas décadas, apresenta-se como um dos grandes temas de investigação das Ciências Humanas. Nos estudos de diversas disciplinas, inclusive da História, apresenta-se como possibilidade de conhecimento, na medida em que se constitui enquanto lugar privilegiado de práticas e vivências cotidianas, onde diferentes sujeitos lhe atribuem significados e historicidade.

¹ Doutor em História Social (PUC/SP). Coordenador do Curso de Especialização em História do Brasil da UESC. E-mail: betoliva65@gmail.com.

Na literatura das Ciências Humanas, o espaço da(s) cidade(s) há algum tempo deixou de ser concebido enquanto paisagem, cenário. A cidade, enquanto produto da “arte humana” simboliza o poder criador do homem, a modificação/transformação do meio ambiente, a imagem de algo artificial, de um artefato enfim (BRESCIANI, 1997: 14).

Raquel Rolnik dialogando com Fernand Braudel compara a cidade a um liquidificador, sinalizando que "as cidades são transformadores elétricos que aumentam as tensões, precipitam as trocas, agitam continuamente a vida dos homens". Mais do que isto aponta que "este papel de transformador elétrico, apenas a cidade, e mais nenhuma outra configuração espacial, possui". (1992: 27)

Moses Pechman possibilita a abertura do nosso olhar, demonstrando-nos que a cidade não se dá a conhecer naquilo que ela explicita. É na sua “visibilidade” que ela esconde seus segredos, uma vez que “As cidades têm segredos! Segredos e esconderijos que propiciam a fuga, o cochicho das vozes perseguidas, que irá se transformar nos frutos da revolução, o refúgio dos acossados, seja por seu credo, seja dos credores”. Prosseguindo, afirma que "Como paisagem, a imagem da cidade é um cenário, uma floresta de signos e sentidos. Como conceito, é uma possibilidade de conhecimento, um campo de saber e, portanto uma maneira de poder". (1994: 1-2)

Marcel Roncayolo nos remete a necessidade de olhar a cidade a partir de “dentro da cidade”, ou seja, a partir do olhar de seus habitantes, revelando sua “razão de ser”. (1986)

Para além da cidade/monumento, da cidade dos urbanistas, dos mapas e plantas indecifráveis, busca-se adentrar no cotidiano que constitui a cidade viva, a cidade real, onde os sujeitos interagem com ela, realizam seus sonhos e desvelam suas fantasias, reafirmando a idéia de que a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço da manipulação do poder.

Isso se concretiza a partir de uma concepção que busca captar e investigar, nas relações sociais instituídas na cidade, o entendimento de modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar e de se divertir dos moradores que, com suas ações, estão impregnando e constituindo a cultura urbana. Assim agindo, esses moradores deixam registradas ou vão

imprimindo suas marcas no decorrer do tempo histórico, marcas que traduzem a maneira como se relacionaram ou construíram seus modos de vida neste cotidiano urbano (FENELON, 1999: 06).

Desejando mergulhar fundo no “Mundo dos moradores da cidade”, recorre-se aos procedimentos da história oral. Entretanto, deve-se destacar que o diálogo com a História Oral não se processa visando contestar ou definir outra verdade, opondo imagens. Nesse estudo objetiva-se, sobretudo, por meio da análise dos depoimentos e de seu cruzamento com outros materiais, tais como a imprensa diária, explorar o universo dos significados produzidos sobre sua história e vivências na cidade.

No caminho da reconstituição de trajetórias de vida, estava dialogando com a recuperação dos diferentes sentidos e significados que os sujeitos dão as suas experiências, (PORTELLI, 1997) e o modo como constroem e reconstroem suas identidades, através de suas narrativas. (FONSECA, 1997:15) Para Benjamin, a verdadeira narrativa "não se entrega. Ela conserva suas forças e, depois de muito tempo ainda, é capaz de se desenvolver... Ela assemelha-se a essas sementes de trigo que, durante milhares de anos, ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas". (BENJAMIN, 1985:2004)

O diálogo com os sujeitos históricos que tipificam as cidades de Ilhéus e Itabuna, no Sul da Bahia e resultante da utilização dos procedimentos da história oral, apresentou-se como um caminho criativo na inovação dessa temática. Mais do que isto, a partir dos primeiros depoimentos, as questões e temas inicialmente esboçados ganharam nova dimensão.

Lidar com história oral, não significava tomar o depoimento, ou simplesmente “dar voz” aos depoentes, mas refletir sobre as relações entre memória e história e sobre os significados sociais de suas lembranças. Mais do que capturar sua fala, busca-se captar os significados desta fala.

Em meio a esta discussão, a utilização dos procedimentos da História Oral, não podem ser tomados como “expediente contra todos os problemas da prática do historiador”, (SANTANA, 1988) Para tanto,

“Não há como fazer uma ‘insurreição integral da palavra’, mas temos possibilidades cada vez mais rigorosas, graças aos métodos da história oral, de restituir uma parte dessa palavra. Mais uma vez, nada de ilusões! Não existe gravador para os fantasmas do passado, mas apesar da ausência deste tipo de documento oral, temos uma série de informações sobre as práticas da oralidade...” (LE GOFF, 1990)

Mas o que nos revela uma entrevista? Alessandro Portelli, ao mostrar as especificidades da história oral, afirmará que: “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos, ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos. Eles sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”. (1997a: 31) Perceber, sobretudo, o papel do entrevistador/historiador na produção da documentação oral, enquanto alguém que compartilha as lembranças do depoente. Ecléa Bosi sugere que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”. (BOSI: 1995:17) Ao historiador cabe assumir a condição de companheiro de diálogo no contexto de uma entrevista. No que, para Portelli “Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca”. (1997b) Aspecto bastante instigante, envolve a questão do envolvimento pessoal com os depoentes, sobretudo quando se tratam de pessoas próximas.

Margarida Neves, dialogando com cronistas que “percorrem” o Rio de Janeiro do início deste século XX, nos permite lembrar situações semelhantes, pois os moradores do Fonseca em Itabuna, ou no Nelson Costa, em Ilhéus também ocupam “vuelas tortuosas, como quem ocupa trincheiras de importância estratégica inquestionável numa guerra não declarada e desigual. São o tumulto, enfim, porque existem. E por existirem, amedrontam”. (1994:138) As más condições de habitação e segurança eram compensadas pela economia de tempo e de dinheiro, visto que esses moradores podiam chegar com maior facilidade aos locais de trabalho.

Se fosse possível, estabelecer um “comportamento médio” diante de suas condições de moradia e saneamento, identificaríamos nestes moradores, uma conduta de desconforto, mas que, face aos custos dos aluguéis em outros espaços da cidade e da proximidade dos locais de trabalho, morar nestes bairros apresentava-se como uma alternativa razoável.

Em “A formação do Banco da Vitória em Ilhéus”, Cristina Bochicchio enfatiza que “além da convivência com parcela bastante significativa de seus moradores, fato determinante para essa

escolha foi a disponibilidade para obter informações sobre a história e o cotidiano do bairro” Através do diálogo estabelecido com os moradores do Banco da Vitória, autora afirma que “conheci suas dificuldades, sua história e percebi melhor o descaso ao meio ambiente e a luta de alguns moradores para melhorar o bairro...” autora dialogou com antigos moradores, ex-administradores.

Cláudio Manoel Costa Nascimento, em “Ipiaú: imagens de uma cidade plural”, estabelece o diálogo entre a cidade idealizada pelos administradores e a cidade vivenciada pelos seus moradores. Em suas palavras, “fiz a opção de utilizar como fontes predominantes deste trabalho, os depoimentos e as imagens, por entender que a história oral e as imagens apresentam-se como um campo vastíssimo e pouco explorado pelo conhecimento histórico, tão passível de análise quanto aos outros tipos de documentos normalmente utilizados em pesquisas históricas. Ipiaú, em especial, é conhecida pelos seus jovens moradores, basicamente, através das fontes oficiais. Isto, em função da inexistência de produções historiográficas tendo Ipiaú como cenário”. Nascimento ressalta que “as entrevistas foram feitas em circunstâncias favoráveis. O fato de conhecer os entrevistados, e de ser conhecido por eles, foi sem sombra de dúvidas excelente”.

Aspecto instigante, autor nos oferece ao comentar que “não consegui convencer os depoentes que falaram sobre o “brega”, não permitirem a inclusão de seus nomes neste trabalho. Apesar de importantes declarações feitas, o medo de comprometer-se com o passado, fez com que alguns depoentes ficassem encarcerados ao silêncio”. Autor afirma que a importância de Ipiaú encontra-se

“em tudo o que o tempo e a complexidade da vida social não conseguiram destruir durante os anos. A memória e as imagens. Os valores atribuídos aos acontecimentos históricos e às imagens da cidade certamente se diferenciam em função da experiência pessoal de seus moradores, o que leva a uma releitura do passado não na sua totalidade, mas somente a partir daquilo que foi selecionado pela memória. O valor de uma cidade, nesse contexto, passa a ser aquele que a comunidade lhe confere”.

Em seu “Do Trem ao Brega: viver urbano em Aurelino Leal”, Solange Nunes Sampaio de Souza salienta que “o ponto de partida da investigação deixou de ter relação direta com os documentos oficiais e passou a ser fundamentado nos depoimentos”. Buscando compreender sua cidade (Aurelino Leal) além da história oficial, Solange Souza comenta suas dificuldades,

“ainda existe muito preconceito em relação à história oral, principal fonte usada nesta pesquisa. O documento oral foi utilizado não pela falta de fontes escritas, pelo contrário, ele permite o diálogo como qualquer outro documento e apresenta elementos novos, que às vezes a documentação escrita omite”.

Dialogando com Portelli, quando este afirma que uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua, autora assume que “a partir dessa compreensão busquei a postura de parceria, cumplicidade e companheirismo com os depoentes, a entrevista nos deixa em uma situação de igualdade. Contudo, é fundamental estar atento ao significado do que foi dito e, sobretudo, do que não foi dito”.

Em “O Estivador no Porto de Ilhéus (1950-1960)”, Neide Santos Pereira Ribeiro, dialoga com a experiência dos estivadores de Ilhéus e, ao problematizar suas fontes, particularmente suas fontes orais, afirma que “no que tange as fontes, as dificuldades foram imensas: a começar pelas fontes orais que dariam a tônica ao trabalho, pois a resistência dos possíveis entrevistados sempre fugindo do gravador, dando inúmeras desculpas para não gravar entrevista quase tornou inviável a concretização da monografia”. Para Ribeiro, “se a cidade de Ilhéus possui porto não poderíamos concebê-lo sem movimento, inerte. Assim caminhamos nas pesquisas dialogando com as fontes, conversando com esses próprios homens para saber de sua vida, das suas lembranças, das angustias passadas, do seu tempo”.

Autora privilegiou, no diálogo com depoentes, uma imagem pouco visível entre a população ilheense, haja vista identificar os estivadores enquanto aqueles que ganhavam bastante dinheiro. Seus depoentes afirmaram que “o perigo maior era quando reinava mau tempo ao atravessar a barra nas viagens de ida e volta a bordo dos rebocadores e alvarengas...” (Alfredo Greing) Apesar dos perigos vividos pelos estivadores, as alvarengas abriram portas para que muitos outros trabalhadores que puderam executar outros serviços dentro e fora do porto. Para o estivador que gozava de boa saúde e podia dobrar o serviço era a oportunidade de aumentar seus ganhos. Como declarou o Senhor Péricles Tavares, “muitos estivadores ganharam bastante dinheiro, mas deixavam o couro no navio. (...) Os guindastes do porto de Ilhéus eram os braços dos estivadores”.

Marcos Pereira Brito, em “De Maria Amélia a Nelson Costa”, nos oferece a oportunidade de conhecer uma Ilhéus pouco visível, sobretudo na literatura que a consagrou como “cidade romance do Brasil”. Para Brito, “o exemplo do bairro Nelson Costa é sintomático com relação

ao crescimento de uma população de forma desordenada já que os documentos oficiais e os depoimentos de moradores dão mostras de que a origem do bairro se deu com uma invasão no início dos anos 1980”. Autor prossegue afirmando que “para falar do Nelson Costa, teremos que ouvir os moradores mais antigos envolvidos no processo sobre suas primeiras impressões a respeito do bairro, suas dificuldades iniciais, a primeira moradia. Enfim, queremos ouvi-los e com isto dialogar com os significados produzidos a partir de seus relatos de vida. É nesse sentido que não se pode abrir mão da História Oral nesse trabalho. A História Oral trás o mérito de ir fundo em questões que os relatos oficiais não alcançam por se tratar de observações feitas de modo “frio” muitas vezes fora do contexto social e outras vezes apresentam apenas números. Lembrando que por trás dos números existem pessoas, existem nomes, existe vida, enfim”.

Marcos Brito, conclui sua narrativa afirmando que “é imprescindível, portanto, construir um diálogo com fragmentos da memória dos moradores e de sua trajetória na construção social durante todo o período em que ocuparam e ocupam o espaço onde vivem. Isso só é possível através dos relatos orais”.

Ao reconstruir elementos da trajetória do “Bairro Fonseca em Itabuna: das taipas e tábuas às lajes e blocos”, Rosilda Oliveira Santos “através de relatos orais de moradores residentes no bairro atualmente nos permite perceber o surgimento e o processo de ocupação do mesmo, apresentando experiências marcantes, valiosas e significativas de sujeitos que contribuíram enormemente para a construção do Bairro”. Autora vislumbrará que

“os relatos orais podem ser considerados como fontes de extrema importância para o diálogo com fragmentos da memória dos moradores e do seu processo de construção social durante todo o período em que ocuparam e ocupam o espaço onde residem, organizando e dando significado ao processo de ocupação do bairro/cidade”.

Para Rosilda Santos, “o espaço construído pelos que ali residem não é um espaço onde as coisas acontecem isoladas, independentes dos homens, mas o produto da ação de cada morador, da sua relação com a natureza e com os outros. E por isso, a História Oral tem grande destaque nesse estudo, visto que é considerada a fala de cada entrevistada, na sua individualidade e na diversidade dos fatos e lembranças que a compõe”. Para tanto, afirma que

“só podemos perceber esses desejos e sentimentos por meio dos relatos orais, que dentro do contexto de nossa pesquisa ganha imensa significância por sua capacidade de revelar não apenas o que os moradores fizeram, mas o que eles queriam e ainda querem fazer o que acreditam estar fazendo e o que agora pensam que fizeram. É o maior ganho dos relatos orais, bem como, a capacidade que eles têm de nos contar o que está submerso nas fontes escritas”.

Por fim, Rodrigo Santo Araújo, em “Entre agulhas, linhas, tesouras e tecidos: experiências de alfaiates em Itabuna (1965-1985)”, a partir das experiências do alfaiate Carlos Coleta, analisa o cotidiano dos alfaiates itabunenses de 1965 a 1985, enfatizando os hábitos, costumes e resistências característicos das ditas “pessoas comuns”, nas quais, naturalmente incluem-se os alfaiates. Amparado na história vista de baixo, onde para o autor abre-se como uma nova perspectiva em relação à história tradicional elitista, uma busca de novas abordagens, explorando-se experiências históricas de homens e mulheres ignorados. “A experiência da massa do povo no passado” (SHARP, 1991: 41). Neste particular, Araújo dialoga com E. P. Thompson e Eric Hobsbawn.

Sua investigação centrar-se-á, principalmente, nas experiências diárias vividas pelo alfaiate Carlos Colleta. Como o estudo biográfico possibilita uma análise abrangente do indivíduo enquanto elemento representativo de uma coletividade; naturalmente, ao selecionar o referido alfaiate pretende-se compreender a trajetória da classe dos alfaiates itabunenses durante o período compreendido entre as décadas de 1960 a 1980, mediante o estudo de seus hábitos, costumes, idéias, crenças, padrão de vida e as chamadas revoltas cotidianas características daqueles segmentos da sociedade habitualmente conhecidos pela denominação de “pessoas comuns”. A escolha da cidade de Itabuna entre 1965 a 1985 como, respectivamente, espaço e tempo abordados por esta pesquisa, justifica-se, em primeiro lugar, pelo lento, porém gradual esvaziamento e desprestígio da profissão a partir deste período e, também, pela disponibilidade das fontes orais bem como o livre acesso aos periódicos e outros tipos de documentação no CEDOC, Arquivo Municipal de Itabuna e associação comercial da mesma cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rodrigo Santos. 2003. Entre agulhas, linhas, tesouras e tecidos: experiências de alfaiates em Itabuna (1965-1985). Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). UESC: Ilhéus/BA, 2003.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOCHICCHIO, Cristina. *A Formação do Banco da Vitória em Ilhéus e seus Impactos Ambientais (1979 – 2003)*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). UESC: Ilhéus/BA, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 4ª Ed. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

BRESCIANI, M. Stella (org.) *Imagens da cidade (séculos XIX e XX)*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1993.

BRESCIANI, M. Stella. “Cidade, cidadania e imaginário”. In: SOUZA, Célia Ferraz de e PESAVANTO, Sandra Jathay (org.) *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1997.

BRITO, Marcos Pereira. *De Maria Amélia a Nelson Costa: a história do bairro Nelson Costa na visão dos seus moradores (1980-1984)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). UESC: Ilhéus/BA, 2003.

FENELON, Déa Ribeiro (org.) *Cidades*. São Paulo: Olho d’Água, 1999. (Série: Pesquisa em História, 01)

GITAHY, Maria Lucia Caira. *Ventos do Mar: trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos (1889-1914)*. São Paulo/Santos: EDUNESP/PMS, 1992.

NASCIMENTO, Cláudio Manoel da Costa. *Ipiaú: imagens de uma cidade plural*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). UESC: Ilhéus/BA, 2001.

NEVES, Margarida de Souza. “O Povo na Rua: um ‘Conto de duas cidades’” In: PECHMAN, Robert Moses (org.) *Olhares sobre a Cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

NUNES, Maribel Carvalho. *História portuária de Ilhéus (1915-1942)*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). UESC: Ilhéus/BA, 1999.

PECHMAN, Robert Moses (Org.) *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

PORTELLI, Alessandro. “Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores”. In: *Projeto História* (10). São Paulo: EDUC, 1993.

PORTELLI, Alessandro. “Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade”. In: *Projeto História* (14). São Paulo: EDUC, 1997.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. In: *Projeto História* (14). São Paulo: EDUC, 1997.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In: Projeto História (15). São Paulo: EDUC, 1997.

PROJETO História (12). Diálogos com E.P. Thompson. São Paulo: EDUC, 1995.

RÉBERIOUX, Madeleine. “Lugares da memória operária”. In: O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

RIBEIRO, Neide. O estivador no Porto de Ilhéus: décadas de 1950 e 1960. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). UESC: Ilhéus/BA, 2002.

ROLNIK, Raquel. “História urbana: história na cidade?”. In: FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio A. Filgueiras (Org.) Cidade e história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: UFBA, 1992.

RONCAYOLO, Marcel. “Cidade”. In: Enciclopédia Einaudi. Vol. 8. Região. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1986.

SANTOS, Rosilda Oliveira. Bairro Fonseca em Itabuna: das taipas e tábuas às lajes e blocos. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). UESC: Ilhéus/BA, 2001.

SANTANA, Charles D'Almeida. Fartura e Ventura camponesas: Trabalho, Cotidiano e Migrações (Bahia: 1950-1980). São Paulo: Annablume, 1998.

SOUZA, Solange Nunes Sampaio de. Do trem ao brega: viver urbano em Aurelino Leal. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). UESC: Ilhéus/BA, 2001.

THOMSON, Alistair. "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias" In Projeto História, nº 15. São Paulo: EDUC, 1997.